

O INFANTE, O ADEBRI E A SUA HISTÓRIA

*Ao valoroso 3.º R. I. como
preito de saudade...*

Cel. ADEMAR BRITO

— Como nasceu em minha imaginação o adebri? — Não foi por certo um ovo de Colombo!... Não, mera percepção oriunda de uma observação, por vezes renovada... Quando não arregimentado, procurava sempre assistir a formatura das fôrças em parada, propositadamente integrado na massa anônima, para que pudesse melhor apreciar o detalhe, e assim sem o querer, ia colhendo farta messe de impressões dos que se agrupavam em meu derredor. Os efeitos produzidos eram os mais dispares, refiro-me, a confusão que faziam, em distinguir as unidades pelas suas respectivas insígnias... Havia uma exceção, todavia, para a 3.ª Cia. Mtrs. Pesadas, com sede em S. Cristóvão, na entrada da Quinta (hoje C.P.O.R.). Esta sub-unidade se distinguia das demais, pelo seu pessoal selecionado, garbo, disciplina, instrução aprimorada e brilho com que se apresentava em público. Era uma tropa de elite que atingiu o seu apogeu nos comandos dos então Caps. Alvaro Alencastro e Daltro Filho. Usufruiu conceito elevado dos Chefes e até hoje mantem essas honrosas tradições vivificadas na paz e na guerra. O mais destacado elogio que se lhe pode fazer é que, integra a brilhante Cia. de Mtrs. P. do glorioso 3.º R. I. Mas não se destacava somente pela apresentação, outrossim, pela mascote que possuía, um “gerico”. Verifiquei ainda, que para alguns, a Cia. despertava a atenção, pelo

contraste, que apresentava, pois não trazia na testa, o clássico carneiro acompanhante da banda de música e sim um burrico... Daí concluir e martelar no bestunto, que se tornara necessário criar um objeto simbólico, um emblema, que precedesse a tropa em marcha, identificando logo à primeira vista, a que unidade pertencia... Lembrava-me do balisa, importado de outras terras, que gingando e fazendo molinetes na frente da banda marcial, provocava muitas vezes a hilariedade e não satisfazia... Esta idéia conservou-se latente em o meu espírito só conseguindo materializá-la em 1931.

Como Cmt. do I Btl., trocando impressões com o Cmt. do Regimento, o então Cel. Daltro Filho, fiz-lhe sentir a lacuna existente, que urgia preencher, afim de que o nosso povo pudesse identificar as unidades do seu Exército. O Comando acordando, conseguí, através da boa vontade e feliz entendimento com o maioral da Casa Guaraní, dar corpo e vida à minha idéia aproveitando o ensejo do novo instrumental encomendado, e assim, surgiu o que se há muito ansiava... A sua nomenclatura e emprêgo, por deferência ao Chefe e por um escrúpulo de minha parte, ficou afeta ao Cmt. do R. I., que o denominou pelo nome que possui, formado pela junção das primeiras sílabas do meu nome e sobrenome: "ADEBRI".

Quanto ao seu emprêgo, resolveu, outrossim, que precederia a unidade nas formaturas externas e seria um prêmio ao mais digno, ao Cabo que mais se distinguisse na instrução, decoro militar e de físico atleta. Premiava assim o graduado que atingisse o máximo na instrução técnica e cultura física, o qual seria o porta-adebri. De então para cá, o 3.º R. I. se tornou por demais familiarizado com o povo, e quando aparecia em formatura, ainda ao longe, a multidão já o reconhecia pelo símbolo, e era comum ouvi-la exclamar: "Lá vem o 3.º, o 3 de Ouro!..."

Quando organizei a banda de música do Btl. Esc., que tive a honra de comandar, dotei outrossim aquela unidade de um adebri. O distinto e provector Chefe Cel. Adriano Massa, atual Cmt. do 3.º R. I., e um dos brilhantes ornamentos da nossa Infantaria, houve por bem criar um ambiente de emula-

ção incentivando, cada vez mais, a instrução nas sub-unidades, tendo como paradigma a posse do adebri.

Intenção sobremodo feliz e cujos frutos tem dado o melhor resultado no trabalho, preparo, eficiência e apresentação da tropa, bem como uma verdadeira escola de aperfeiçoamento entre Cmts. de Cia. Fez mais ainda, regulamentou como guardar o mais distinto entre êles e, com todas as formalidades da boa ética militar. Assim é imprescindível que se faça, para estimular por todos os meios a instrução e apresentação da tropa. A discutida ordem unida, que para alguns, deve ser relegada a um plano secundário, merece um carinho todo especial. Na minha labuta de troupiier, sempre constatei: a tropa que sabe marchar, evoluir e manejar a arma com perfeição, é uma tropa disciplinada, coesa, que tem alinhamento e cobertura... Sabe atirar e tem o flexionamento necessário para o combate... Tudo isso consegue, enrijando os músculos dos homens através da educação física, vencendo no terreno o campo de obstáculos, na luta-ataque e defesa, na esgrima de baioneta, no tiro e no combate, culminando na ordem unida que faz o indivíduo vibrar no tan-tan ritmado da marcha cadenciada, na correção dos movimentos, na oscilação dos braços, no alinhamento das armas... No meu tempo os Chefes controversos à ordem unida, apresentavam sempre uma infantaria em "élan", e quando chegava a parte de combate, em que se utilizavam os mais capazes, fracassavam, porque a tropa não tinha coesão, o controle, o hábito do pormenor e a disciplina que só se adquire com a ordem unida, que mantém altaneiro o patamar da Infantaria! Mas existe ainda uma outra força de coesão, que se impõe à Infantaria cultivar, como disciplina para as massas e apanágio da cultura dos seus homens!... Refiro-me ao canto orfeônico, criação vitoriosa de Vilas-Lobo, que apenas começado nos bancos das escolas, resplandece hoje em fulgurante realidade, nos Orfeões Escolares de Professores, e no recém-criado, do Ministério da Educação. Não basta ao soldado possuir moral elevada e estar adestrado para a luta, é preciso, outrossim, fazer vibrar as cordas emotivas de sua alma, fazê-lo sentir a magia dos sons, conciente que é parte

de um todo harmonioso, que deleita o seu ouvido, espadanando em o seu espírito e no coração alvoradas de luz fulgente!... Disciplinar vontades dessemelhantes, unificar sentimentos e emoções às vezes variadas, através do canto orfeônico e, a um simples gesto, unissonos, viverem a mesma emoção, já atinge o grandioso, o sublime!... E' educar, despertar e desenvolver a sensibilidade artística de cada um, fazendo-os per-lustrar a gama dos sentimentos!... Parece que estou ouvindo a "legião do contra" proclamar logo: — Mas que idéia esta-pafúrdia, fazer dos homens cantores!... Coitado dos solda-dos, se já não lhes sobra tempo sequer para a lavagem da roupa!... Nada mais inverossimil... O corpo de tropa é como um organismo humano, que vive, sente, palpita, trabalha e produz... Um corpo de tropa é uma oficina de trabalho de organização eficiente... Onde há organização, subentende-se, trabalho metodisado, esforços conjugados, rendimento de pro-dução e tempo para a obrigação, a devoção e a diversão... Não deslembremos que o pão do espírito é imprescindível à vida, como o sangue que circula em as nossas artérias... Pra-tiquei o canto orfeônico no 17.º B. C., em Corumbá, com re-sultados apreciáveis, modulando a canção do "Pagé". Infeliz-mente, com a minha saída do batalhão, feneceu, como tudo mais que havia delineado e executado... A exaltação de qua-lidades morais deve se fazer sentir no indivíduo, desde a sua incorporação... Mostra-lhe que, ao transpôr os humbrais da caserna, a mutação de sua vida cotidiana é completa... Per-tence doravante a uma família, que difere mesmo daquela a que está ligado pelos vínculos do sangue, isto é, a família mi-litar, onde a igualdade e a fraternidade irmanam pobres e ricos, analfabetos e letrados, homens de todos os matizes e de todas às posições sociais!... O serviço na caserna, é o grande nivelador social!... Recepcioná-los, incorporá-los e desin-corporá-los às fileiras, em uma cerimônia tocante, que lhes fale de perto ao coração, que os emocione... Entreguem-os-lhes, pois, logo de início, no ato solene de incorporação, um livrete, que deverá ser o seu catecismo predileto na vida mi-litar, e que, por certo lhes deixará recordações indeléveis, cons-

tituindo até uma relíquia de família e de saudade... Este livrete seria o "Breviário do Soldado", que em sua capa traria estampado: o distico e a insignia da Unidade, bem como, o Pavilhão Nacional; no texto: a sinopse do histórico da Unidade, o juramento à Bandeira e às Virtudes Militares, individualizadas. Viver a cada momento, às virtudes militares, exemplificando-as, ressaltando-as e mostrando àqueles que souberam morrer, glorificando-as... No término do serviço, desincorporá-los, outrosim em uma solenidade sugestiva e afetuosa, que lhes fique gravada no pensamento, feita no âmbito das sub-unidades, com a presença dos seus respectivos chefes, oficiais e camaradas, ao invés, do que soe acontecer, a simples entrega da caderneta, como se fossem indesejáveis, que se desejasse ver pelas costas o mais depressa possível... Fazer-lhes sentir que embora ausentes, continuam a pertencer à mesma família... Falar amiúde ao coração dos homens, maximé, em sua despedida da caserna... Não olvidemos que a última impressão perdura sempre... E que de recordações vividas, quando na madureza da vida, reservista, contemplanse o seu Breviário, a sua Caderneta e o de um filho ou neto, quicá da mesma unidade em que servira em a sua mocidade?!... Torna-se necessário, elevar, elevar sempre e cada vez mais, o infante no seu próprio conceito, preparando-o para vencer os escolhos do caminho a percorrer... Em a época presente, em que se faz a apologia da máquina e que, a cada passo, nos defrontamos com golpes fulminantes, aberturas de brechas, ruturas, tenazes que se fecham, ferindo o adversário. Vimos de constatar, n'esta guerra que incendeia continentes, que mesmo explorando o sucesso da surpresa e da traição, quando há paridade de armamentos entre os combatentes, as vitórias sobrevindas, são vitórias de Pyrrho... — E quem manejará a clava forte, que derrubará por terra o inimigo exanime?!... — Quem lhe dará o golpe de graça?!... — O infante, que desdobrando-se em fuzileiro, granadeiro, artifice da arma branca, da automática e do petrecho, sapador, condutor, artilheiro, observador, agente de ligação, corneteiro e, para o qual, na exação do cumprimento do dever, não têm significação topo-

gráfica, os aclives e declives por mais escarpados que o sejam... De alma couraçada, dotado de pulmão, coração e músculos de aço, trabalhos na dureza do exercício na caserna, sempre renovado e nunca terminado, o infante, continuará a manter as gloriosas tradições da Rainha das Armas!... Nada o deterá para alcançar uma posição inacessível e, ao atingi-la, no fragor da batalha, ao terçar as armas com o adversário, tendo na face a máscara do ódio ou do escarneo, com os nervos tensos, rindo e chorando, no auge da peleja e na fereza da luta, saberá com a sua baioneta desferir-lhe o golpe mortal... Mas se a sorte lhe fôr adversa, saberá ainda, morrer cantando pelo Labaro Sagrado, pelo Pavilhão de sua Unidade!... E finalmente, quando os imperativos da técnica e da tática, impuzerem a criação e adoção do soldado mecânico, ainda assim, será a imagem e semelhança do Infante!... Como lidimo representante da Infantaria, o brioso e valoroso 3.º R.I., que sempre teve atuação impar entre os seus pares, quer na paz como na guerra, apesar das vicissitudes por que passou, quando a peçonha da inveja e a cupidez dê alguns, pagos pelo ouro mercenário, tentaram marear um renome inatacavel, de unidade cujo lema sempre foi: "Para a frente", continua e prosseguirá em a sua trajetória luminosa, que rutilante, esplende na insígnia do Regimento!...

